

Dona Socorro guardiã de uma farmácia a céu aberto no coração do território Xukuru



Maria de Fátima Timóteo Sobrinho, esse é o nome no Registro de Nascimento de Dona Socorro Xukuru, que no batistério é Maria do Socorro do Nascimento, mas seu pai, Sr. Antônio Timóteo de Lima, na hora de registrar mudou o nome da filha. Sr. Antônio de D. Dorinha tiveram 12 filhos, entre eles D. Socorro, nascida no dia 11 de novembro de 1950, no mesmo quarto que dorme hoje na Aldeia Lagoas, Serra do Ororubá, terras Xukuru, no município de Pesqueira - PE.

Nasceu e cresceu nos quintais da Aldeia, com a “vozinha” D. Generosa. D. Socorro viveu até os 13 anos de sua vida com ela e aprendeu os conhecimentos tradicionais e as sabedorias que a natureza oferece. Conhecimentos que entre as indígenas se passam de mãe para filha, para netas e gerações. A riqueza das plantas medicinais, seu uso, os chás, os banhos, as garrafadas as defumações. Dona Socorro, ao longo dos seus 75 anos nunca deixou a sua tradição, o que lhe foi ensinado, hoje Socorro Natureza, como é chamada possui uma farmácia natural no quintal da sua casa.

“As plantas me ensinaram a cuidar das pessoas, dos animais, da natureza, de cada pé de planta, da terra, tudo que Deus nos deu e que precisamos zelar. Antes, vivíamos aqui arrodados de fazendeiros, na infância eu nem sabia que era índia, o que era ser indígena, mas vozinha foi me falando, me ensinado”.

Mas a luta indígena mesmo, Dona Socorro conheceu quando teve o seu território e do seu povo ameaçado pelas fazendas. Junto com o falecido Cacique Xicão Xukuru, a jovem participou da primeira retoma de terra¹. “Xicão também conhecia as plantas medicinais e na minha família, eu era a indígena, então eu fui, para as conversas e lutas, mas também fui fazer os chás, as garrafadas, as defumações para dá clareza, sabedoria e paz as nossas lutas”. E essas retomadas também eram espaço para trocas de plantas, conhecimentos, receitas e assim nossa protagonista aprendeu muito mais.

A primeira retoma deu certo, o povo conseguiu as terras da fazenda e daí não pararam mais. “ Não paramos mais, porque ali conhecemos a nós mesmos, quem erámos nós, os nossos diretos, antes tínhamos medo dos fazendeiros, dos empregados dos fazendeiros, mas dali em diante vimo quem erámos e não era a valentia, era a gente saber dos nossos diretos, das leis, da nossa história e das nossas terras, ir atrás deles e acionar os órgão competentes, até pra Brasília já fui, muita história”.

Muita história mesmo, tantas Socorros. A Socorro que já foi professora sem nem ter terminando o colegial, a Socorro que foi para São Paulo com um a tia e conheceu José Neto Sobrinho, não indígena do estado do Rio Grande do Norte que foi trabalhar como tantos nordestinos no Sudeste. E lá, em 1980, casou e teve suas 3 filhas. Maria das Dores de 43 anos, Márcia, 41, e Marcela, 39.

Na volta de São Paulo, a família ainda morou por dois anos em Natal, junto a família de José, sem aguentar mais ficar longe da Aldeia Lagoa, Dona Socorro e sua família finalmente retornam e nunca mais saiu do seu chão. E aqui passou a cultivar suas plantas medicinais, viver e criar junto com a natureza. Desta farmácia a céu aberto saem ervas para chás, banhos, defumações, repelentes e muitas ornamentais para o altar da igreja da comunidade. No seu cantinho de produção Dona Socorro faz sabonetes, garrafadas, repelentes, aromatizantes e tantas “porções” que aprende com a mata.



“Minha mãe dizia que cheguei com cheiro de mato e orvalho. Sou filha desta terra Xukuru, herdeira das águas, das ervas e das palavras antigas que a minha vizinha Generosa guardava no coração.”

No seu quintal são mais de 100 espécies de plantas medicinais, cuidadosamente catalogada por ela em um caderno e divididas entre nativas e cultivos em horta. Conhecimentos que Dona Socorro anota neste caderno para passar para as gerações futuras.

¹ A Retomada Xukuru foram estratégias de lutas a fim de pressionar o governo e a FUNAI para que o processo de demarcação fosse concluído. A retomada da área de Pesqueira, em Pernambuco, iniciada nos anos 1990, permitiu que as famílias tivessem terra para plantar, criar e trabalhar, saindo das condições precárias de subsistência, além de serem também, espaços para a reafirmação de rituais e da identidade cultural do povo Xukuru